

## 19) Cuidar do próximo

Para que o sentimento de compaixão não degrade em sentimentalismo estéril, é preciso continuar o caminho do Samaritano da parábola, o que equivale a seguir Cristo, que nos mostra até a morrer na Cruz, o que significa tornar-se realmente o próximo misericordioso do outro.

Para seguir este caminho, a parábola do bom Samaritano nos oferece algumas dicas preciosas. Nesta, a compaixão se torna proximidade, e a proximidade se faz cuidado, assume as necessidades do outro. Podemos dizer que a liberdade responsável *se ativa* no desencadear e no movimento da compaixão, *se determina* no ato de se fazer próximo, mas *se realiza* realmente no assumir da necessidade, no cuidado, na solicitude caridosa, na obra de misericórdia.

O importante aqui não é o modo como o Samaritano presta os primeiros socorros ao homem ferido, mas como introduz na sua vida a necessidade do outro.

O bom Samaritano é muito preciso, e até meticuloso no cuidado desta situação de emergência; faz tudo aquilo que o outro não pode fazer: limpa, desinfeta e acalenta suas feridas; as enfaixa; o carrega sobre seu jumento; o leva, em seus braços, na primeira pousada que localiza e passa a noite, certamente crítica para o ferido, para vigiá-lo e tratá-lo. Enfim: obedece à realidade e ao realismo da necessidade daquele homem.

No outro dia, porém, o deixa. Deve partir; deve continuar sua viagem. Deve haver uma urgência, um compromisso que não pode renunciar. Não pode deixar-se absorver totalmente pela necessidade daquele homem. Existem obrigações familiares, profissionais ou de outra natureza, respeito as quais, deve ser igualmente responsável. Há outras pessoas que deve ser o próximo, as quais deve cuidar. O homem ferido que recolheu, não tem mais, certamente, necessidade urgente de sua presença, como durante a noite anterior. E o Samaritano entende que não pode cuidar, sozinho, de suas necessidades. Entende que, para assumir plenamente as diferentes responsabilidades de sua vida, ele também precisa de ajuda, não pode lidar com tudo sozinho. Pede a ajuda do dono do hotel; pede-lhe para participar de sua escolha de fazer-se próximo do homem ferido. Não o confia para se livrar dele: arca com as despesas, voltará para vê-lo, e muito provavelmente, é ele ainda que o levará para sua casa. Mas não faz tudo sozinho.

A parábola nos faz assim compreender que a responsabilidade, a resposta à necessidade do outro, que faz de nós o próximo, encarnando a compaixão, não é sem discernimento. Jesus, na descrição das ações do Samaritano, nos transmite uma sensação de ordem, de ajuda racional, organizada, ponderada. Exprime um correto sentido de necessidade, mas também da resposta à necessidade. É uma caridade ordenada, ponderada, medida, também no uso do dinheiro: o Samaritano dá dois denários, nem mais nem menos; e se não fossem suficientes, iria resolver tudo em seu retorno, mas tinha calculado e ponderou que seria suficiente.

Fazer-se próximo do outro não significa destacar o outro e sua necessidade do conjunto da realidade, mas enfrentar sua miséria e carregar sobre si, tendo uma atenção global sobre ele, sobre si mesmo e sobre todos os outros; com uma atenção também às nossas possibilidades e nossos limites.

E é aqui que podemos reencontrar São Bento, a atitude que ele pede para com as necessidades dos irmãos, dos enfermos em especial, dos hóspedes, dos peregrinos, etc ...

Por isso, depois de ter meditado sobre o encontro de Jesus com um doutor da Lei e sobre a parábola do bom Samaritano que Jesus o narra, gostaria de voltar para a Regra de São Bento, à luz do que esta página do Evangelho nos permitiu compreender.

As perguntas que se põe o doutor da Lei e Jesus no Evangelho do bom Samaritano, estão abundantemente presentes na Regra. O que devemos fazer para herdar a vida eterna? Quem é o nosso próximo? Sou o próximo dos outros? Toda a Regra é atravessada por estas perguntas, e Bento, como Jesus, não as deixa sem resposta. Ele nos transmite as respostas do Evangelho, as respostas de Cristo; mas nos transmite em uma Regra de vida, em um caminho de vida onde as perguntas devem ser abordadas, nas circunstâncias específicas da vida pessoal e comunitária.

Tomemos, portanto, uma situação concreta apresentada pela Regra: o cuidado com os doentes, ao capítulo 36. Este capítulo descreve uma forma de aplicar, concretamente, a parábola do bom Samaritano, e, portanto, encarnar a compaixão pelos outros e a responsabilidade para com as suas necessidades.

São Bento, como o Samaritano, parte da necessidade, da dificuldade do outro: "deve tratar-se dos enfermos, antes de tudo e acima de tudo" (36,1).

Os enfermos estão lá, a doença os atacou, estes sofrem, e geralmente, não é culpa deles. Do mesmo modo, na parábola, não foi culpa do homem ferido se os bandidos o agrediram, bateram e deixaram meio morto. Pode ser também que ele tenha tido alguma responsabilidade: tenha sido imprudente de passar por aquele caminho, talvez em uma hora perigosa, ou mostrando muito sua riqueza com as roupas que usava, com sua cavalaria, com as bagagens que tinha ... Para o Samaritano, isto não é importante, porque agora o homem está lá, no chão, meio morto, despojado de tudo. Trata-se de uma realidade, diante a qual, o problema não é mais a responsabilidade do enfermo, mas de quem o vê e o pode socorrer.

Cuidar dos enfermos deve, portanto, partir de suas doenças, de seus estados de necessidade. Cuidar dos enfermos é a resposta a uma necessidade que existe.

Mas aqui, São Bento abre uma pequena parênteses neste capítulo, escrito, essencialmente, para quem deve cuidar e servir os enfermos: fala aos próprios enfermos, fazendo uma observação que merece ser meditada: "os enfermos, porém, considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem" (36,4).

Pode haver um abuso no modo de viver a própria doença, de usá-la diante dos irmãos. É o abuso na relação entre a própria necessidade e a responsabilidade que pede aos outros. O abuso não está na necessidade, no fato de ter necessidade dos outros, mas no uso que se pode fazer daquela necessidade. O abuso está na pretensão, na exigência que se faz pesar sobre outro, através da necessidade. O abuso extremo consiste, até mesmo, em criar uma necessidade, e neste caso a doença, para provocar e pretender a ajuda dos outros, para se tornar dependente dos outros e, sobretudo, para fazer os outros dependentes da nossa dependência.